

# AMBIENTE

RUBEM BRAGA

232  
ZICO — Aqui vai tudo meio esquisito, e um pouco assanhado. Há muitas coisas que se juntam para nos dar esse ar: barulhos violentos no Sul, por causa do preço da carne; descontentamento no Exército, por causa de generais preferidos e generais prediletos; mal estar geral devido ao inquérito no Banco do Brasil, que pode (deve) ter apurado muita bandalheira, mas também, facciosa e desonestamente, lança péchãs sobre muitos inocentes, e que está custando a ser publicado, enquanto o público sabe, aos pedaços. O que ali se diz; junte a isso as notícias estranhas sobre o baile que houve perto de Paris; e mais o ato singularmente exasperante do presidente da Republica, remetendo novamente ao sr. Lafer o processo dos barnabés. Veja que não é pouco.

Do baile você deve saber melhor do que eu; e sabe que, apesar de minha idade já tristemente provecta, a mim me agradam bailes; portanto nada comentarei, pois poderia parecer inveja; e, francamente, Zico, teria.

Acôre o inquérito, o que se sabe é que ele não se limitou ao Banco do Brasil: embora a Comissão só pudesse investigar os negócios nesse banco, o fato é que os investigou em todos, ou muitos. Você me dirá, com espanto, que isso não é possível; que o sigilo bancário não permitiria a nenhum banco particular dizer a uma comissão inidônea quanto é que o Braga sacou em junho, quanto depositou em julho, o tamanho de seus papagaios, o movimento de sua conta, etc. Mas fôsse um banco particular responder com máus modos a uma comissão do Banco do Brasil: veria a Carteira de Redesconto fechar, para ele, suas douradas portas. Assim pois, os bancos foram coagidos; e além de mostrar a conta de seus clientes, alguns foram obrigados a dar explicações; sei de um banqueiro que levou seu pito porque emprestara dinheiro a um cavalheiro que merece a desestima do honrado senhor presidente da Republica, que ordenou o inquérito.

.. Você está vendo, Zico, que o Banco do Brasil se tornou uma monstruosa arma de corrupção e de pressão política não apenas direta, como indireta. Atravez dela a gente do govôrno pode enriquecer os amigos, arruinar os inimigos, silenciar ou promover alardos, devassar a vida alheia saber quem ganhou o quem perdeu no poker, dar ordens ao banqueiro particular sobre quem merece e não merece crédito. E já a esta altura, falar em sigilo bancário, depois que o próprio Banco do Brasil, o próprio presidente da Republica o quebraram, é, na boca deles, uma intolerável gracinha. Pois se fez essa gracinha; faz-se outras com os barnabés; outra com a propaganda de tecidos que jamais entrarão na França pelo simples e sólido motivo de que a França não compra ao Brasil tecidos de algodão. Enfim, Zico, há gracinha demais. E o pior é que muita gente não acha graça.

Não creia, meu velho, em face de tudo isto, que possa acontecer alguma coisa. Não. Não acontece nada. O que, certamente, é o que de mais espantoso poderia acontecer.

Até amanhã, um abraço.

Ago. 52